



ENTRE A CONSOLIDAÇÃO DA MATEMÁTICA E O SILÊNCIO DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: UMA LEITURA DOCUMENTAL DO 1º COLÓQUIO BRASILEIRO DE MATEMÁTICA, 1957

ENTRE LA CONSOLIDATION DES MATHÉMATIQUES ET LE SILENCE DE L'ÉDUCATION MATHÉMATIQUE : UNE LECTURE DOCUMENTAIRE DU 1ER COLLOQUE BRÉSILIEN DE MATHÉMATIQUES, 1957

Jonathan Machado Domingues¹

RESUMO

O presente artigo objetiva investigar o Colóquio Brasileiro de Matemática de 1957. A pesquisa busca compreender sua função como dispositivo na constituição e consolidação do campo da Matemática no Brasil, e as ressonâncias desse processo para a emergência da Educação Matemática. Como método, empregou-se análise de documentos primários, como as Circulares n. 01 e n. 02, e o Relatório do evento. A investigação apoia-se em perspectivas que abordam a história institucional e a formação de campos de saber. Os resultados apontam o 1º Colóquio como um marco. Ele impulsionou a organização da Matemática em bases de ciência no país, estabelecendo um novo direcionamento para a pesquisa. O evento demonstrou um esforço para alinhamento com a "Matemática Moderna", promovendo a profissionalização e a sistematização da produção acadêmica. Instituições como o IMPA e agências de fomento tiveram papel central nesse percurso, fornecendo estrutura e valorização à ciência. O Colóquio também fortaleceu a identidade de uma comunidade de matemáticos no Brasil. Embora não houvesse discussão direta sobre Educação Matemática, a consolidação da disciplina gerou condições para seu desenvolvimento futuro.

Palavras-chave: História da Matemática, Matemática no Brasil, Desenvolvimento Científico, Comunidade Científica.

RÉSUMÉ

Le présent article vise à comprendre la fonction du 1er Colloque Brésilien de Mathématiques en tant que dispositif dans la constitution et la consolidation du champ des Mathématiques au Brésil, ainsi que les résonances de ce processus pour l'émergence de l'Éducation Mathématique. Comme méthode, l'analyse de documents primaires, tels que les Circulaires n° 01 et n° 02 et le Rapport de l'événement, a été employée. L'investigation s'appuie sur des perspectives qui abordent l'histoire institutionnelle et la formation des champs du savoir. Les résultats indiquent que le 1er Colloque représente un jalon. Il a propulsé l'organisation des Mathématiques sur des bases scientifiques dans le pays, établissant une nouvelle orientation pour la recherche. L'événement a démontré un effort d'alignement avec la "Mathématique Moderne", favorisant la professionnalisation et la systématisation de la production académique. Des institutions comme

¹Doutorando em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo. Mestre em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Licenciatura em Matemática pela Faculdade Estácio de Sá. Endereço para correspondência: Estr. do Caminho Velho, 333 -Jardim Nova Cidade, Guarulhos -SP, 07252-312.E-mail: domingues.jonathan@unifesp.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1065-5655>.



l'IMPA et les agences de financement ont joué un rôle central dans ce parcours, fournissant structure et valorisation à la science. Le Colloque a également renforcé l'identité d'une communauté de mathématiciens au Brésil. Bien qu'il n'y ait pas eu de discussion directe sur l'Éducation Mathématique, la consolidation de la discipline a créé les conditions pour son développement futur. Mots-clés: Histoire des Mathématiques, Mathématiques au Brésil, Développement Scientifique, Communauté Scientifique.

Mots-clés: Histoire des Mathématiques, Mathématiques au Brésil, Développement Scientifique, Communauté Scientifique.

Considerações Iniciais

A elaboração deste artigo resultou do contato do autor com documentos da história da Matemática no Brasil. Em 2023, durante sua presença no IMPA para o 34º Colóquio Brasileiro de Matemática, o acesso aos registros na biblioteca do Instituto proporcionou uma imersão nas fontes que, de modo incontestável, inspirou e direcionou a presente reflexão sobre as origens e as reverberações de um evento de significação.

Nesse horizonte, a historiografia da Ciência no Brasil impõe o desafio de ir além da sucessão de nomes, datas e descobertas para desvelar os processos de institucionalização e a constituição dos campos de saber. O Colóquio Brasileiro de Matemática de 1957, o primeiro de sua espécie, surge como um evento de relevância. Sua análise é de grande relevância para compreender as bases da edificação da Matemática no país, em sua passagem de um estágio inicial para a obtenção de contornos de disciplina, com suas redes, suas ambições e suas tensões.

Este colóquio, em sua conformação e em seu ambiente de efervescência do pensamento, representa um ponto de inflexão. Não foi um encontro acadêmico; foi um ato fundador com reverberação na organização da pesquisa, na formação de grupos de estudo, na definição de linhas de investigação e, em última instância, na identidade da comunidade Matemática do Brasil.

Constitui um episódio do processo de importação e tropicalização² de um modelo de "Matemática Moderna" com objetivo de atualizar o conhecimento e, sobretudo, de profissionalizar e legitimar a prática da ciência no território nacional.

Nessa perspectiva, a pergunta central deste artigo é: *De que modo o 1º Colóquio Brasileiro de Matemática de 1957 atuou como um dispositivo de constituição e consolidação do campo da Matemática no Brasil, e quais foram as ressonâncias desse processo para a emergência (ou ausência) de uma Educação Matemática como área de saber autônomo?*

²O termo 'tropicalização' aqui não designa uma transposição passiva, mas um processo de apropriação seletiva e adaptação funcional do modelo estruturalista europeu (notadamente bourbakista) às urgências do cenário brasileiro de 1957. Essa adaptação envolveu a utilização do rigor e da abstração da 'Matemática Moderna' como instrumentos de legitimação política e institucional. Ao alinhar-se a uma linguagem científica universal de vanguarda, a elite matemática nacional buscava não apenas atualizar o conhecimento, mas garantir autonomia e prestígio frente às agências de fomento e ao Estado desenvolvimentista, convertendo o modelo estrangeiro em um projeto de soberania científica e profissionalização do campo no Brasil.



Para desvelar as camadas da história e as implicações do evento, esta análise utiliza documentos que se apresentam como fontes para a reconstrução dos bastidores e das intenções do Colóquio. Empregam-se, de modo particular, a Circular n. 01 e a Circular n. 02 (presentes no relatório, com datas de maio e junho de 1957, respectivamente) e o Relatório final do 1º Colóquio Brasileiro de Matemática.

A Circular n. 01 permite compreender expectativas, condições de participação e o perfil dos convocados; a Circular n. 02, por sua vez, expõem as prioridades epistemológicas e os conteúdos da "Matemática Moderna" que se buscava difundir. O Relatório final, como síntese do evento, oferece a perspectiva dos organizadores sobre a participação, os conteúdos ministrados, as interações estabelecidas e as considerações sobre o legado e os desafios de continuação.

O percurso desta investigação desdobra-se em capítulos que aprofundam a compreensão dos elementos aqui apresentados. Inicia-se com um olhar sobre a história da Matemática no Brasil, com base na leitura de Leopoldo Nachbin (1961). Em seguida, a análise volta-se para as expectativas e o contexto do Colóquio, conforme sinalizado pelas circulares. Posteriormente, explora-se a realização do evento, por meio do relatório. Por fim, as ressonâncias e o legado são discutidos, em um balanço sobre o impacto na Matemática e na Educação Matemática.

A Matemática no Brasil: um olhar histórico

Reduzir a História da Matemática no Brasil a uma sequência cronológica de fatos ou a descobertas pontuais implica desconsiderar os múltiplos atravessamentos que constituem esse processo histórico. Sua conformação como campo científico resulta de um emaranhado de relações acadêmicas, disputas políticas e estratégias institucionais, configurando um percurso não linear, permeado por rupturas, tensões e permanentes reconfigurações de sujeitos e saberes.

Para compreender o movimento de institucionalização e sistematização da Matemática no país, torna-se imperativo ir além do conteúdo intrínseco da disciplina. A tarefa exige um olhar acurado para os contextos que viabilizaram sua organização em bases científicas no território nacional.

Nachbin (1961) pontua que, emblematicamente, "[...] em 1945 havia um ambiente fértil, embora ainda incipiente, para o desenvolvimento científico no país" (p. 1). Tal percepção desvela a consciência de que a Matemática brasileira não se ergueu em um vazio, mas no entrecruzamento dinâmico entre vocações individuais, políticas estatais e profícuas trocas internacionais.

Neste sentido, em sua pesquisa, Leopoldo Nachbin (1961) sublinha, com acuidade, o papel seminal de instituições como o Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) e o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF). Esses marcos inaugurais não apenas



sinalizaram um novo tempo para a ciência brasileira ao formalizarem a pesquisa matemática, mas, sobretudo, impuseram novas exigências de profissionalização, internacionalização e sistematização da produção acadêmica.

A afirmação de Nachbin (1961) de que "[...] o IMPA nasceu com o objetivo de formar pesquisadores e professores universitários no Brasil, contribuindo para a autonomia científica do país" (p. 2) não é meramente descritiva; ela carrega uma intencionalidade histórica que posicionou o campo matemático em um lugar estratégico dentro do projeto mais amplo de modernização nacional.

A leitura do percurso da Matemática no Brasil indica a imperiosa necessidade de se analisar os processos sociais e políticos que moldaram determinadas formas de saber. A Matemática, nesse escopo, transcende a concepção de uma linguagem universal descolada do tempo e do espaço; ela se manifesta como um saber situado, intrinsecamente implicado em redes de poder e em disputas por legitimidade.

Os deslocamentos epistemológicos observados nas décadas de 1940 a 1970, por exemplo, evidenciam uma clara tentativa de ruptura com uma tradição enciclopédica em favor de uma lógica de pesquisa orientada para a produção de conhecimento original — um esforço que, segundo Nachbin (1961), exigiu "[...] a formação de um grupo comprometido com padrões internacionais de pesquisa" (p. 3).

Outro pilar estruturante a ser sublinhado reside no papel decisivo das agências de fomento, como o CNPq e a CAPES. Sob a forte influência de cientistas como José Leite Lopes e o próprio Nachbin, essas agências reconfiguraram o financiamento e a própria valorização da pesquisa Matemática no Brasil. A perspectiva de Nachbin (1961) coaduna-se com uma visão mais ampla sobre a constituição de um campo científico, que transcende os conteúdos para abranger as condições materiais de sua produção e circulação.

Ele enfatiza, de modo peremptório, que sem suporte institucional robusto e sem uma política efetiva de valorização do pesquisador, a ciência nacional estaria fadada à periferia. Em suas palavras, "[...] Não se constrói ciência de qualidade sem condições adequadas de trabalho, nem sem um ambiente que favoreça o intercâmbio e a continuidade da pesquisa" (Nachbin, 1961, p. 4).

Em síntese, a análise histórica da Matemática no Brasil, portanto, transcende a mera descrição de fatos para desvendar um processo de constituição complexo. Ela revela como a disciplina, em seu percurso de modernização e institucionalização, foi intrinsecamente moldada por condicionantes políticos, econômicos e acadêmicos.

Nesse cenário de intensas transformações, o campo matemático consolidou-se em meio a uma contínua redefinição de suas próprias fronteiras — entre o nacional e o internacional, o



acadêmico e o político, a pesquisa e as demandas de formação – configurando-se como um saber situado e em constante elaboração. Essa imbricação de fatores demonstra que a "Matemática brasileira" não emergiu como um dado natural, mas como uma construção histórica, fruto de tensões, escolhas e engajamentos que definiram a sua singularidade no panorama científico do país.

A convocação e às expectativas: uma análise das circulares do evento

O tom das circulares transita entre a formalidade acadêmica e uma latente urgência para o avanço da Matemática no país. A Circular n. 01, por exemplo, ao detalhar as condições de estadia em Poços de Caldas e a necessidade de confirmação antecipada das reservas: "[...] só podemos, portanto, assegurar a reserva de acomodações se recebermos os pedidos até o dia 22 de junho próximo" (Honig, 1957a, p. 02), sublinha a seriedade e o caráter inédito da organização de um evento de tal porte. Não se trata apenas de informar, mas de mobilizar e comprometer os potenciais participantes a uma iniciativa que se anuncia como fundamental.

A própria designação "*Colloquium*", em detrimento de termos como "congresso" ou "encontro", sugere uma atmosfera de debate aprofundado, de intercâmbio intelectual mais denso e menos formal. Essa escolha terminológica, embora sutil, reflete uma visão de aprimoramento e atualização.

A Comissão de Organização, personificada na assinatura de Chaim S. Honig, do Departamento de Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, estabelece uma voz de autoridade e convite, visando a estruturação de um campo que, até então, carecia de eventos de coesão e atualização sistemática em escala nacional. A data de emissão da Circular N. 01 (29/05/57), tão próxima do início do evento (1º de julho de 1957), reforça a ideia de uma organização em andamento, mas com a convicção de sua imprescindibilidade.

As circulares, em especial a Circular n. 01, implicitamente delineiam o perfil dos participantes esperados. A menção de que o Conselho Nacional de Pesquisas financiaria passagens de ida e volta por avião para os convidados de fora do eixo São Paulo-Rio de Janeiro: "[...] até São Paulo, para o convidado através da respectiva universidade" (Honig, 1957a, p. 02), indica um direcionamento claro para pesquisadores e professores universitários já inseridos na academia. Não era um evento para estudantes iniciantes,



mas para aqueles que já possuíam um vínculo institucional e um potencial de contribuição para o desenvolvimento da pesquisa Matemática.

A preocupação com a acomodação familiar – com opções detalhadas para "casal com um filho" ou "com dois filhos" – indica um cuidado com o bem-estar dos matemáticos, mas também a expectativa de que esses seriam profissionais estabelecidos, com famílias, e que sua participação no evento demandava uma infraestrutura que considerasse essa dimensão de suas vidas.

Era uma convocação para a elite intelectual da Matemática brasileira da época, visando não apenas a aquisição de novos conhecimentos, mas também o fortalecimento de laços e a consolidação de uma comunidade que, embora incipiente, se via agora em processo de formalização e reconhecimento mútuo.

Nesse sentido, o Colóquio funcionava como um dispositivo de acumulação e distribuição de capital simbólico, conforme conceitua Bourdieu (2004). Ao reunir esses indivíduos e prover as condições para sua participação, o evento não apenas fortalecia uma rede de contatos, mas também validava e atribuía "crédito" a esses agentes no nascente campo da Matemática brasileira. A estrutura de acolhimento e a própria seletividade do convite reforçavam a posse de uma "quantidade significativa de capital" (seja ele social, cultural ou científico) pelos participantes, conferindo-lhes poder e legitimidade dentro desse campo em formação.

[...] uma espécie particular de capital simbólico: capital fundado no conhecimento e no reconhecimento. Poder que funciona como forma de crédito, pressupondo a confiança ou a crença dos que o sustentam, pois estão dispostos [...] a atribuir crédito. A estrutura de distribuição do capital determina a estrutura do campo, ou seja, as relações de força entre os agentes científicos: a posse de uma quantidade significativa de capital confere poder sobre o campo e, portanto, sobre os agentes comparativamente menos dotados de capital [...] e comanda a distribuição das hipóteses de lucro (Bourdieu, 2004, p. 53).

Assim, o Colóquio de 1957 não se limitou a um encontro de estudiosos; ele foi um momento crucial para a hierarquização e a formalização das relações de força que definiriam os rumos da pesquisa matemática no Brasil.

A Circular n. 02 (Honig, 1957b) é o documento que mais explicitamente indica as prioridades do Colóquio, delineando o que se entendia por "Matemática Moderna" e o que era considerado basilar para sua propagação no Brasil. Ao apresentar uma "relação dos cursos, juntamente com uma lista dos assuntos cujo conhecimento prévio é



aconselhável para o melhor aproveitamento dos mesmos" (Honig, 1957b, p. 01), a comissão não apenas informava, mas estabelecia um cânone preliminar do que era considerado o estado da arte na pesquisa matemática internacional e que deveria ser incorporado pela academia brasileira.

Os cursos programados (Honig, 1957b) abrangiam áreas de ponta para a época: "Introdução à Topologia Algébrica", "Introdução à Geometria Diferencial" e "Variedades Diferenciáveis", "Introdução à Análise Funcional", e "Introdução à Teoria dos Números Algébricos" e "Teoria de Galois". A exigência de "certa familiaridade" com temas como "Topologia Geral dos Espaços Métricos", "Álgebra" (com ênfase em espaços vetoriais, aplicações lineares, noções de anel e de corpo) e "Análise" (equações diferenciais e funções analíticas) atesta a ambição de elevar o nível da discussão e da pesquisa.

Pode ser considerado, com propriedade, nesses eixos temáticos que se manifesta a adesão do Colóquio aos preceitos da Matemática Moderna. A proeminência da Topologia e da Análise Funcional, em particular, não é fortuita. Como aponta Vilches (2012):

[...] a Topologia utiliza os mesmos objetos que a Geometria, com a seguinte diferença: não interessa a distância, os ângulos nem a configuração dos pontos. Na topologia, objetos que possam transformar-se em outros, através de funções contínuas reversíveis, são equivalentes e indistinguíveis. Por exemplo, círculos e elipses, esferas e paralelepípedos. A Topologia é pré-requisito básico em quase todas as áreas da Matemática moderna, da Geometria Diferencial à Álgebra e é fonte atual de efervescente pesquisa (Vilches, 2012, p. 03).

Essa perspectiva, focada nas propriedades estruturais e transformacionais, ecoa a busca por uma universalidade e uma abstração que caracterizaram o movimento. A ênfase nas estruturas e no método axiomático, tão caros à Matemática Moderna, visava a fornecer aos matemáticos "utensílios de valor universal", capazes de "[...] canalizar de algum modo as novas descobertas, classificá-las e amalgamá-las aos resultados anteriores" (Dieudonné, 1955, p. 61).

O Colóquio, portanto, não apenas apresentava novos saberes, mas propunha uma nova forma de fazer e conceber a Matemática, orientada pela unificação conceitual e pela formalização rigorosa, características centrais de uma "revolução" estruturalista que se processava na disciplina em nível mundial.



As referências bibliográficas internacionais citadas para cada tópico (Honig, 1957b), de autores como Norman, Patterson, Lefschetz, Birkhoff-MacLane, Halmos, Bourbaki, entre outros, não apenas indicam as fontes de conhecimento consideradas válidas, mas também servem como um roteiro para a formação de um novo intelectual da matemática no Brasil, alinhado aos padrões internacionais.

Neste sentido, deve-se registrar que a ausência de uma seção dedicada diretamente à Didática da Matemática ou à Formação de Professores para a educação básica nesses documentos preliminares é um ponto a ser identificado. Isso possibilita a levantar como hipótese de que o foco inicial e preponderante do Colóquio era a consolidação da pesquisa e da alta formação em Matemática Pura e Aplicada, e não o campo da Educação Matemática como viria a se constituir décadas depois.

A práxis visada era a do pesquisador e do professor universitário produtor de conhecimento, e não a do professor da educação básica preocupado com a transposição didática. As circulares, portanto, configuram um projeto para o desenvolvimento de uma Matemática para matemáticos, estabelecendo as bases para o que seria, em um futuro distante, o terreno ‘fértil’ para a Educação Matemática.

O Colóquio em ação: uma análise a partir do relatório

O relatório atesta a efetivação do evento, que ocorreu de 1º a 20 de julho de 1957, reunindo 49 professores³ de nove centros universitários brasileiros, além de outros participantes eventuais. Esse número, para a época, sugere uma adesão significativa e indica que a convocação da "elite intelectual", conforme discutido anteriormente, logrou êxito em sua capacidade de mobilização.

³ A relação de professores por localidade: **Rio de Janeiro** 1. Alberto de Carvalho Azevedo 2. Carlos Alberto de Carvalho 3. Constantino Menezes de Barros 4. Eliana Ferreira Rocha 5. Djairo Guedes de Figueiredo 6. Jorge Alberto A. G. Barroso 7. José Abdelhay 8. Lindolfo de Carvalho Dias 9. Luiz Adauto da Justa Medeiros 10. Manoel Teixeira da Silva Filho 11. Maurício Matos Peixoto 12. Paulo Ribenboim. **São Paulo** 1. Alexandre Augusto Martins Rodrigues 2. Candido Lima da Silva Dias 3. Carlos B. de Lyra 4. Chaim Samuel Hönl 5. Elza Gomide 6. Fernando Furquim de Almeida 7. Luiz Henrique Jacy Monteiro 8. Omar Catunda 9. Waldyr Muniz Oliva 10. Domingos Pizanalli 11. José Barros Neto 12. Artibano Micali 13. Flavio Botelho Reis 14. Francisco Lacaz Neto 15. José Geraldo de Souza Avila 16. Leo Huet Amaral 17. Nelo Allan 18. Nelson Onuchic 19. Francisco Gilberto Loibel 20. Jores Ceconi 21. Renzo Piccinini 22. Rubens Lintz 23. Ubiratan D'Ambrosio. **Porto Alegre** 1. Antonio Rodrigues 2. Ary Nunes Tietbohl 3. Ernesto Bruni Cossi 4. Francisca Maria Rodrigues Torres 5. Luiz Severo Mota. **Recife** 1. Alfredo Pereira Gomes 2. Jônio de Lemos 3. Manfredo Perdigão do Carmo 4. Roberto Ramalho de Azevedo. **Fortaleza** 1. Antonio Gervasio de Colares 2. Francisco Silva Cavalcante 3. Milton Carvalho Martins. **Franca** 1. Georges Henri Reeb. **Japão**: 1. Morikuni Goto.



O apoio financeiro do CNPq e da CAPES, com bolsas e recursos para publicação, não apenas viabilizou a presença dos participantes, mas também conferiu ao Colóquio um selo de reconhecimento institucional, fundamental para sua legitimidade e alcance.

Esse 'Colloquium' tornou-se possível graças ao apoio financeiro do CNPq e da CAPES que contribuíram com 20 bolsas de CR. \$ 10.000,00 cada uma, tendo além disso o CNPq destinado Cr. \$100.000,00, para as despesas de publicação dos cursos e pagamento dos redatores (CBM, 1957, p. 01)

A presença de pesquisadores de diversas regiões, embora o foco logístico estivesse nos eixos São Paulo-Rio de Janeiro, indica uma capilaridade embrionária, mas promissora, da comunidade matemática nacional. A menção de sessões solenes com a presença do prefeito local e representantes de entidades federais e universidades (CBM, 1957) confere ao evento um caráter de ato público e oficial, marcando sua inserção no cenário científico e político do país.

A concretização da programação (CBM, 1957), ratifica o compromisso do Colóquio com a atualização da pesquisa Matemática brasileira aos padrões internacionais. Os cursos de "Introdução à Topologia Algébrica", "Geometria Diferencial e Variedades Diferenciáveis", "Análise Funcional", e "Teoria de Galois e Teoria dos Números Algébricos" representam, de fato, o cerne da "Matemática Moderna" que se almejava difundir.

A princípio tinha-se aventado a ideia de também realizar cursos de Introdução à Matemática Moderna: Introdução à Topologia Geral, Introdução à Álgebra Moderna, etc., bem como alguns cursos de pesquisa. Posteriormente, porém, achou-se aconselhável abandonar tanto os cursos preliminares quanto os de pesquisa pois sobrecarregam demais os trabalhos do 'Coloquium' (CBM, 1957, p. 06).

O fato de esses cursos terem sido previamente redigidos em cinco apostilas, totalizando 600 páginas, evidencia o esforço de sistematização e a intenção de criar uma literatura própria, em contraste com a dependência exclusiva de obras estrangeiras.

O simples fato, porém, das notas terem ficado prontas a tempo fez com que elas desempenhem sua função essencial: permitiu o máximo aproveitamento possível dos cursos que, repetimos, dada a natureza intensiva dos mesmos, teria sido impossível de serem acompanhados pela maioria dos participantes, se estes não dispusessem das notas mimeografadas. Espera também a Comissão Organizadora que estas notas mimeografadas se tornem úteis à todas



as pessoas interessadas nos respectivos setores da Matemática (CBM, 1957, p. 07).

A participação de professores renomados como Murikuni Goto (Universidade de Tóquio) e George Reeb (Universidade de Grenoble) (CBM, 1957) não apenas enriqueceu o conteúdo, mas também conferiu ao Colóquio uma conexão direta com os centros de excelência internacionais, atuando como um "canal" para a importação e legitimação de novos saberes.

As 16 conferências adicionais (CBM, 1957) demonstram a amplitude da proposta, buscando cobrir "aspectos de outros campos da matemática" (CBM, 1957, p. 01), além dos cursos intensivos.

O relatório sublinha que "[...] houve oportunidade de amplos e frutíferos contatos pessoais entre os seus participantes" (CBM, 1957, p. 01). Neste sentido, observa-se indícios na construção e constituição de uma rede de sociabilidade científica. O "Relatório" aponta que esses contatos resultaram na "[...] elaboração de planos de estudos para os próximos dois anos" (CBM, 1957, p. 01), e em "[...] sugestões apresentadas em reuniões especialmente promovidas e nas respostas de um questionário" (CBM, 1957, p. 01).

As conclusões extraídas dessas interações, como a sugestão unânime de realizar futuros colóquios a cada dois anos e a adoção de notas mimeografadas, revelam uma comunidade engajada e com capacidade de auto-organização e planejamento.

A "ampla troca de impressões" é destacada como algo que permitiu averiguar a "importância para o desenvolvimento da Matemática no Brasil", consolidando a ideia de que o evento foi um catalisador para a colaboração e a coesão, essenciais para o desenvolvimento de um campo científico.

O relatório não se furta a apontar os desafios enfrentados, como a "[...] exiguidade do tempo para a redação dos cursos, a diversidade de redatores e a dificuldade de contacto por correspondência (CBM, 1957, p. 07)" que resultou em duplicações e textos menos detalhados nas aplicações.

Essas observações, ao invés de fragilizar o empreendimento, revelam a práxis de um campo em amadurecimento, onde as dificuldades são parte do processo de aprendizagem organizacional e de produção de conhecimento.



Contudo, o sucesso das notas mimeografadas em sua função essencial de permitir o máximo aproveitamento dos cursos é enfaticamente ressaltado, denotando a capacidade de superação e a valorização de recursos inovadores para a época.

Legado e ressonâncias: o impacto do colóquio na Matemática e na Educação Matemática

O Colóquio de 1957, ao trazer para o cenário nacional as fronteiras da "Matemática Moderna" e ao estimular a interação entre pesquisadores de diferentes centros, atuou como um catalisador para a reorganização e expansão da pesquisa Matemática no Brasil.

A importação qualificada de conceitos e métodos, veiculada pelos cursos e palestras intensivas, não se limitou à atualização individual dos participantes. Pelo contrário, o relatório do evento já aponta para a elaboração de "planos de estudos para os próximos dois anos" (CBM, 1957), o que sugere um esforço coordenado para a institucionalização de novas linhas de pesquisa nas universidades de origem dos participantes.

Esse movimento se traduziu, nas décadas seguintes, na criação e consolidação de programas de pós-graduação em Matemática em diversas universidades, muitos dos quais espelhavam as áreas temáticas abordadas no Colóquio – Topologia, Análise Funcional, Geometria Diferencial, Álgebra. A sistematização do ensino em nível de pós-graduação foi um passo decisivo para a formação de novas gerações de matemáticos e para a produção de pesquisa original no país.

O Colóquio, ao expor a vanguarda e ao estimular a continuidade da formação, incentivou a criação de ambientes acadêmicos propícios à pesquisa, transformando núcleos isolados em centros mais robustos e conectados. A própria recomendação para a criação de uma "literatura matemática brasileira de nível superior", presente no relatório, ilustra a consciência da necessidade de autonomia na produção do saber, um passo fundamental para o amadurecimento do campo científico.

Nesse processo de amadurecimento e de busca por autonomia, é possível apreender a dinâmica da formação de uma singularidade disciplinar, conforme o pensamento de Barros (2010). Se cada disciplina possui seu "[...] conjunto dos seus



parâmetros definidores, ou como aquilo que a torna realmente única, específica, e que justifica a sua existência" (Barros, 2010, p. 207), o Colóquio de 1957 foi um momento catalisador para a delimitação dessa especificidade da matemática brasileira, que se alinhava agora a paradigmas internacionais.

A introdução da "Matemática Moderna" pode ser vista como a instauração de um novo repertório teórico-metodológico, gerando, entre seus praticantes, uma linguagem comum e um discurso particular, essencial para a comunicação entre seus expoentes. Contudo, essa emergência não se dá sem tensões.

Barros (2010) ressalta que "[...] o processo de surgimento de um novo campo disciplinar adquire, por vezes, muito mais a aparência de uma verdadeira luta que se dá no interior da arena científica do que a aparência de um parto" (p. 207). Assim, o evento de 1957, ao trazer o "novo" para o conhecimento já estabelecido, não apenas abriu caminhos para a pesquisa, mas também iniciou uma complexa dinâmica de adesões e críticas, configurando a "luta" e os "laços de solidariedade" que são inerentes à construção de um campo disciplinar em seu permanente diálogo (e oposição) interdisciplinar. Essa movimentação é um indicativo da solidificação da matemática como campo científico no Brasil.

Por fim, ao perscrutar o relatório e as circulares preliminares, a ausência de um debate explícito ou de seções dedicadas à Didática da Matemática, ao ensino nos níveis básico ou superior, ou à Formação de Professores para esses níveis é notável. O foco indiscutível estava na Matemática de pesquisa – Topologia Algébrica, Análise Funcional, Teoria de Galois – e na capacitação para sua produção e aprofundamento.

As referências bibliográficas indicadas e os pré-requisitos exigidos para os cursos confirmam essa prioridade epistemológica, voltada para o "fazer" e o "aprender" a Matemática em sua vertente mais abstrata e conceitual.

A "ausência" de discussões sobre Educação Matemática no 1º Colóquio Brasileiro de Matemática pode ser interpretada menos como um silenciamento deliberado e mais como um reflexo da hierarquia epistemológica da época, que priorizava a autonomia e a profissionalização da "Matemática Pura".

Naquele momento, o esforço da elite intelectual brasileira estava voltado para a importação e consolidação de um modelo de ciência de vanguarda, fundamentado no



rigor estruturalista da "Matemática Moderna" e na formação de pesquisadores de alto nível.

Essa prioridade atendia à necessidade urgente de legitimar o campo científico nacional perante agências de fomento como o CNPq e a CAPES, estabelecendo uma distinção clara entre a produção de conhecimento original e a transposição didática.

Essa lacuna, contudo, não deve ser interpretada como um desinteresse pela educação *tout court*, mas como um reflexo do estado de constituição dos campos do saber na época.

A Educação Matemática, como área de pesquisa autônoma, com suas questões epistemológicas e didáticas específicas, ainda não havia se consolidado no cenário brasileiro (e mesmo internacionalmente, estava em estágio incipiente).

O que se observava era uma preocupação com a formação do matemático-pesquisador, com a importação de um modelo de ciência que ainda não demandava, em sua práxis de época, uma reflexão aprofundada sobre a didatização ou a transposição do saber para outros níveis de ensino.

Considerações Finais

Ao revisitar as camadas históricas do Primeiro Colóquio Brasileiro de Matemática de 1957, a partir da análise criteriosa de seus documentos originais – as Circulares n. 01 e n. 02 e o Relatório final –, este estudo buscou não apenas descrever um evento, mas compreendê-lo como um momento fundacional e estratégico para a constituição da disciplina da Matemática no Brasil.

Longe de ser um mero encontro de especialistas, o Colóquio revelou-se um espaço de práxis organizativa e epistemológica que visava reconfigurar o panorama científico nacional.

As circulares, em seu tom convocatório e seletivo, evidenciaram a aspiração por uma comunidade qualificada, direcionando-se à elite intelectual da matemática universitária.

Essa mobilização, não apenas reuniu indivíduos, mas operou como um dispositivo de formação e legitimação de um campo científico emergente, onde o capital simbólico do conhecimento seria disputado e redistribuído. A preocupação com a logística e o bem-



estar dos participantes reforçou a intenção de solidificar um corpo profissional reconhecido e coeso.

A materialização do Colóquio, detalhada no relatório, confirmou a adesão à "Matemática Moderna" como o novo paradigma a ser adotado no país. A programação dos cursos, com foco em Topologia, Análise Funcional e Geometria Diferencial, e a exigência de uma bibliografia internacional, atestaram a ambição de alinhar a pesquisa brasileira aos centros de excelência globais. Essa "importação qualificada", contudo, não foi passiva; o relatório expressa a intenção de criar uma "literatura matemática brasileira de nível superior", um indicativo da busca por autonomia e pela forja de uma linguagem e um repertório teórico-metodológico próprios, como propõe Barros (2010) na formação das disciplinas.

O legado do Colóquio de 1957 transcende a mera soma de seus resultados imediatos. Ele impulsionou a criação de novos grupos de pesquisa e programas de pós-graduação, reorientando as linhas de estudo e consolidando o IMPA como o polo irradiador da matemática no Brasil.

Mais do que isso, o evento foi um rito de passagem crucial para o fortalecimento dos laços e a consolidação de uma identidade para a comunidade de matemáticos no país, estabelecendo as bases para uma organização mais formal e um projeto coletivo de desenvolvimento disciplinar.

Por fim, para a perspectiva da Educação Matemática, é fundamental reiterar que o Colóquio, em sua constituição explícita, não direcionou suas discussões para a Didática da Matemática ou a Formação de Professores para a Educação Básica.

Sua práxis visava a consolidação da matemática como disciplina de pesquisa em seu mais alto nível. Entretanto, essa aparente ausência não significa uma irrelevância para a Educação Matemática.

Pelo contrário, ao fortalecer a Matemática enquanto campo científico e ao estabelecer uma comunidade de matemáticos no Brasil, o Colóquio de 1957 criou as condições de possibilidade históricas para que, em décadas futuras, a própria Educação Matemática pudesse emergir como um campo de pesquisa autônomo.

O enraizamento da disciplina da Matemática, forjado naquele evento pioneiro, forneceu o substrato sobre o qual as reflexões e as investigações sobre o seu ensino e aprendizagem viriam a florescer, demonstrando a interconexão dialética entre o



desenvolvimento da ciência e a constituição de seus saberes didáticos. O Colóquio, assim, não é apenas um capítulo na História da Matemática, mas um prelúdio fundamental para a História da Educação Matemática brasileira.

Referências

- BARROS, J. A. Contribuições para o estudo dos campos disciplinares. **Revista ALPHA**. Patos de Minas: UNIPAM, v. 11, 2010. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revistaalpha/article/view/4723>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- BOURDIEU, P. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- CBM. **Relatório do Primeiro Colloquium Brasileiro de Matemática**. 1957.
- DIEUDONNÉ, J. L'abstraction en mathématique et l'évolution de l'algèbre. In: PIAGET, J. et al. **L'enseignement des mathématiques**. Suisse: Delachaux & Niestlé S. A., 1955. p. 48-61.
- HONIG, C. S. **Circular n. 01**. CBM. 1957a, p. 01-02.
- HONIG, C. S. **Circular n. 02**. CBM. 1957b, p. 01-02.
- NACHBIN, L. **Ensino e Pesquisa em Matemática no Brasil**. UECE, 1961, p. 01-09.
- VILCHES, M. Prefácio. In.: VILCHES, M. **Topologia Geral**. UERJ, 2012. p. 03-04.

Recebido em: 29 / 07 / 2025

Aprovado em: 09 / 01 / 2026